

**FRANZ KAFKA**

Com introdução de **DAVID CRONENBERG**

**METAMORFOSE**

The central illustration features a man's face with dark, messy hair and a somber expression. A scorpion is positioned on his forehead, its tail curved over his right eye. The background is a vibrant red, and the title 'METAMORFOSE' is written in large, white, hand-painted letters. Three black beetles are scattered around the text: one on the top of the 'T', one on the left side of the 'M', and one on the bottom right of the 'E'.

*Veríssimo*

**A  
METAMORFOSE**

**KAFKA**

**A  
METAMORFOSE**

Tradução: UNAMA

*Veríssimo*

**O  
BESOURO  
E A  
MOSCA**

POR DAVID CRONENBERG



Recentemente, ao acordar certa manhã, eu me dei conta de que era um homem de setenta anos de idade. Isso é diferente do que acontece a Gregor Samsa em *Metamorfose*? Ele acorda e descobre que se transformou num inseto do tamanho de um homem (provavelmente da família dos besouros, se confiarmos no julgamento da sua arrumadeira), mas nem por isso um tipo particularmente robusto de inseto. As nossas reações, a minha e a de Gregor, são bem parecidas. Ficamos confusos e perplexos, e cogitamos que se trata de uma ilusão momentânea que não demorará a se dissipar, deixando-nos seguir com as nossas vidas normalmente. O que pode ter dado origem a essas transformações semelhantes? Você sem dúvida pode antecipar a chegada de um aniversário, por mais longe que ele esteja, e quando ele acontece, você não reage com espanto. E como qualquer amigo bem-intencionado lhe dirá, setenta é só



## A METAMORFOSE

um número. Que impacto esse número pode de fato ter numa vida humana física, real e única?

No caso de Gregor, um jovem caixeiro-viajante que passa a noite na casa da sua família em Praga, acordar transformado numa estranha criatura — um híbrido de humano e de inseto — é, para dizer o óbvio, uma completa surpresa, impossível de antecipar; e a reação da sua família — sua mãe, seu pai, sua irmã, sua arrumadeira, sua cozinheira — é recuar tomada de horror, como seria de se esperar. E nenhum membro da família de Gregor se sente compelido a consolar a criatura, comentando, por exemplo, que um inseto também é um ser vivo, e transformar-se num inseto pode ser uma experiência estimulante e edificante para um ser humano medíocre que vive uma vida apagada — então, qual é o problema? De qualquer maneira, esse consolo sugerido não poderia figurar na estrutura da história, porque Gregor pode entender a fala humana, mas não pode ser compreendido quando tenta falar, e por isso a sua família nunca pensa em abordá-lo como se aborda uma criatura com inteligência humana. (É preciso perceber, porém, que em sua banalidade burguesa esses familiares de algum modo aceitam que a criatura seja, inexplicavelmente, o seu Gregor. Nunca ocorre a eles que, por exemplo, um besouro gigante possa ter devorado Gregor; eles não têm imaginação para tanto, e Gregor rapidamente se torna pouco mais que um problema de ordem doméstica.) Sua transformação fecha-o dentro de si mesmo de maneira definitiva, como se ele tivesse sofrido uma total paralisia. Esses dois cenários, o meu e o de Gregor, parecem ser tão diferentes que talvez alguém se pergunte por que me dou ao trabalho de compará-los. Eu argumento que a fonte das transformações é a mesma: nós dois despertamos para



## FRANZ KAFKA

uma conscientização forçada do que realmente somos, e essa conscientização é profunda e irreversível; em ambos os casos, a ilusão logo se impõe como uma nova e inevitável realidade, e a vida deixa de ser como era antes.

A transformação de Gregor é uma sentença de morte, ou, de alguma maneira, um diagnóstico fatal? Por que o besouro Gregor não sobrevive? É o seu cérebro humano — depressivo, triste e melancólico — que trai a força e a determinação básicas do inseto? O cérebro sabotava o afã que o inseto tem de sobreviver, e até de comer? O que há de errado com esse besouro? Besouros — insetos da ordem Coleoptera, termo que significa “asa endurecida”, “encapsulada” (embora Gregor jamais pareça descobrir as próprias asas, as quais supostamente estão escondidas sob as suas coberturas de asa dura) — são sabidamente resistentes e bem adaptados para sobreviver; há mais espécies de besouros do que qualquer outra ordem na Terra. Bem, nós somos informados de que Gregor tem pulmões ruins, que “não são muito confiáveis, nenhum dos dois”; sendo assim, o besouro Gregor tem pulmões ruins também, ou pelo menos o equivalente num inseto, e talvez esse realmente seja o seu diagnóstico fatal. Ou talvez seja a sua crescente incapacidade de comer que o mata, assim como matou Kafka, que no final tossia sangue e morreu de inanição causada por tuberculose laríngea aos quarenta anos de idade. E quanto a mim? Meu aniversário de setenta anos é uma sentença de morte? Sim, claro que é, e de certa forma isso me encerra dentro de mim mesmo como se eu tivesse sofrido uma paralisia total. E essa revelação é a função da cama, e de sonhar na cama, o cimento no qual as minúcias da vida cotidiana são esmagadas, moídas e misturadas com a memória e o desejo e o medo. Gregor desperta de um



## A METAMORFOSE

sonho turbulento que nunca é descrito explicitamente por Kafka. Teria Gregor sonhado que era um inseto, para então acordar e descobrir que era mesmo um? “Que diabos aconteceu comigo?”, ele pensou.” “Não era um sonho”, Kafka diz, referindo-se ao novo aspecto físico de Gregor, mas nada indica claramente que o seu sonho turbulento foi um sonho premonitório com um inseto. No filme que eu coescrevi e dirigi a partir do conto "A Mosca", de George Langelaan, eu fiz o nosso herói Seth Brundle (interpretado por Jeff Goldblum) dizer — em meio à agonia da sua transformação num abominável híbrido de mosca e ser humano — as seguintes palavras: “Eu sou um inseto que sonhou que era um homem e adorou isso. Mas agora o sonho acabou, e o inseto está desperto”. Ele alerta a sua ex-amante para o fato de que agora ele representa perigo para ela, pois é uma criatura desprovida de compaixão e de empatia. Ele abandonou a sua humanidade como uma cigarra abandona a antiga casca, e o que emergiu desse processo já não é mais humano. Ele também sugere que ser um humano, uma consciência que tem a percepção de si mesma, é um sonho que não pode durar, uma ilusão. Gregor também tem problemas para se agarrar ao que resta da sua humanidade, e quando a sua família passa a sentir que a coisa no quarto de Gregor não é mais Gregor, ele começa a sentir o mesmo. Porém, diferente da mosca de Brundle, o besouro de Gregor é uma ameaça para ele próprio apenas e para mais ninguém, e morre de fome e desaparece como um pensamento, enquanto a sua família se regozija e comemora por estar livre do embaraçoso e vergonhoso fardo que ele se tornara.

Quando o filme *A Mosca* foi lançado em 1986, especulou-se muito que a doença que Brundle causou a si mesmo





## FRANZ KAFKA

era uma metáfora para a aids. Isso certamente é compreensível — todos pensaram em aids enquanto o vasto alcance da doença foi se revelando. Para mim, porém, a doença de Brundle era mais fundamental: ele estava envelhecendo, de um modo artificialmente acelerado. Ele era uma consciência que estava consciente de que era um corpo mortal, e com amarga compreensão e humor tomou parte nessa transformação inevitável que todos nós enfrentamos, ou pelo menos aqueles de nós que vivem o bastante para isso. Diferente de Gregor, passivo e prestativo porém anônimo, Brundle era uma estrela no firmamento da ciência, e foi uma experiência temerária e impensada relacionada a transporte de matéria através do espaço (seu dna se misturou com o de uma mosca) que causou o seu drama.

A história de Langelaan, publicada na revista Playboy em 1957, enquadra-se solidamente no gênero de ficção científica, com a elaboração cuidadosa, caprichosa até (duas cabines telefônicas usadas aparecem na história), de todas as técnicas e conceitualizações exibidas por seu herói cientista. A história de Kafka não é ficção científica, claro; não suscita discussão sobre tecnologia, sobre excesso de confiança na investigação científica, nem sobre o uso da pesquisa científica para fins militares. Sem nenhum tipo de artifício de ficção científica, *Metamorfose* nos obriga a pensar por meio de analogia, de interpretação reflexiva, embora seja revelador que nenhum dos personagens da história, nem mesmo Gregor, chegue alguma vez a pensar dessa maneira. Por que uma represália tão monstruosa teria sido lançada por Deus, ou pelo Destino, sobre eles? Isso teria sido uma punição por algum pecado, por algum segredo de família? Mas ninguém faz esse tipo de reflexão, ninguém busca um sentido para isso, nem mesmo no



## A METAMORFOSE

plano existencial mais básico. O bizarro evento é abordado de maneira superficial, banal, materialista, e quase imediatamente ganha contornos de incidente em família, infeliz porém normal, que relutantemente deve ser enfrentado.

Histórias de transformações mágicas sempre fizeram parte do cânone narrativo da humanidade. Elas dão voz àquele nosso sentimento universal de empatia por todas as formas de vida; elas expressam aquele desejo por transcendência que todas as religiões também expressam; elas nos levam a imaginar se a transformação em outra criatura viva seria uma prova da possibilidade de reencarnação e de algum tipo de vida após a morte — um conceito religioso e auspicioso, portanto, por mais detestável ou desastrosa que seja a narrativa. Certamente o meu Brundle-Mosca experimenta momentos insanos de força e poder, convencido de que combinou os melhores componentes do humano e do inseto para se tornar um ser dotado de superpoderes, ele se nega a enxergar em sua evolução pessoal nada que não seja vitória, mesmo quando começa a perder as partes humanas do seu corpo, as quais ele guarda com cuidado num armário de remédios. Ele se refere a esse armário como Museu de História Natural de Brundle.

Não há nada disso em Metamorfose. O Samsa-Besouro mal tem consciência de que é um híbrido, embora se entretenha como um híbrido sempre que pode, seja pendurando-se no teto e rastejando por entre a bagunça e a sujeira do seu quarto (prazeres de besouro), seja escutando a música que a sua irmã toca no violino (prazer humano). Mas a família Samsa é o referencial do Samsa-Besouro, e é a prisão dele, e sua subserviência às necessidades da família — antes e depois da sua transformação — o leva, no fim



## FRANZ KAFKA

das contas, a perceber que seria mais conveniente para os seus se ele simplesmente sumisse; seria uma expressão do amor de Gregor por eles, na realidade, e é justamente o que Gregor faz, morrendo em silêncio. A curta porém fantástica vida do Samsa-Besouro se desenrola num contexto definitivamente mundano e funcional, e não consegue instigar nos personagens da história o menor indício de meditação, de filosofia ou de reflexão profunda. Por outro lado, quão semelhante seria a história se naquela fatídica manhã a família Samsa encontrasse no quarto do filho não um jovem e vibrante caixeiro-viajante, mas um velho de oitenta e nove anos de idade, confuso, meio cego e que mal conseguisse andar, e que usasse bengalas que lembrassem pernas de inseto; um homem que balbuciasse coisas incoerentes e sujasse as calças, e nas sombras da sua demência projetava raiva e produz culpa? Se, quando Gregor Samsa acordasse certa manhã de um sonho tortuoso, ele se visse transformado num velho demente, incapacitado e difícil, bem em cima da sua cama? Sua família fica horrorizada, mas de alguma maneira consegue identificar Gregor ali, ainda que transformado. Com o tempo, porém, como na versão da história em que ele se transforma em besouro, a família decide que ele não é mais o seu Gregor, e que desaparecer seria uma bênção para ele.

Na época da turnê de divulgação do filme *A Mosca*, perguntaram-me muitas vezes qual inseto eu gostaria de ser se eu passasse por uma transformação entomológica. Minhas respostas variavam, dependendo do meu humor, embora eu tivesse predileção pela libélula, não apenas por seu voo espetacular, mas também pela originalidade do seu selvagem estágio subaquático de ninfa, com suas mortais mandíbulas, extensas e flexíveis. Além disso, a ideia de



## A METAMORFOSE

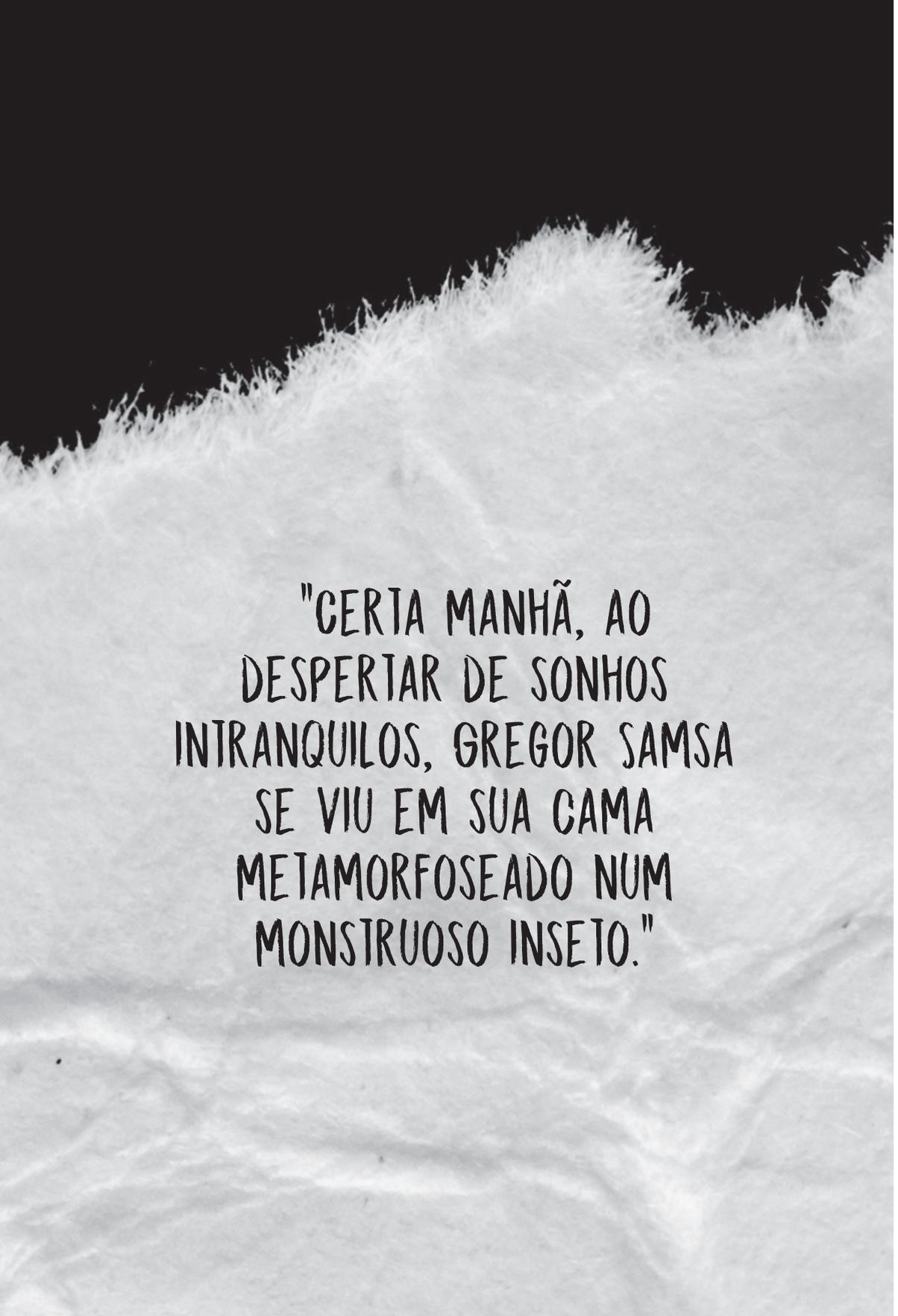
acasalar em pleno ar pode ser interessante, eu imagino. “Essa libélula não seria a sua alma, voando na direção do céu?”, alguém comentou. “Não é isso o que você está realmente buscando?” Não, na verdade não, eu disse. Eu seria mesmo uma simples libélula, e então, se eu conseguisse evitar ser comido por um sapo ou por um pássaro, eu acasalaria, e no final do verão eu morreria.

**DAVID CRONENBERG,**  
cineasta premiado que dirigiu dezenas de  
grandes produções, entre elas: *A Mosca*, *Crash*  
— *Estranhos Prazeres* e *Madame Butterfly*.



I





"CERTA MANHÃ, AO  
DESPERTAR DE SONHOS  
INTRANQUILOS, GREGOR SAMSA  
SE VIU EM SUA CAMA  
METAMORFOSEADO NUM  
MONSTRUOSO INSETO."



# I

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa se viu em sua cama metamorfoseado num monstruoso inseto. Estava deitado sobre as costas tão rígidas que pareciam de metal, e, ao levantar um pouco a cabeça, avistou o ventre arredondado e castanho, dividido em duros segmentos arqueados, sobre o qual a colcha mal se mantinha e estava a ponto de escorregar. As inúmeras pernas, miseravelmente finas em relação ao volume do corpo, agitavam-se desesperadamente diante de seus olhos.

“O que aconteceu comigo?”, pensou.

Não era nenhum sonho. O quarto, tipicamente humano, ainda que pequeno demais, estava ali como de costume, entre as quatro paredes que lhe eram familiares. Acima da mesa, onde se espalhava uma amostra de tecidos — Samsa era caixeiro-viajante —, estava pendurada a fotografia que recentemente recortara de uma revista ilustrada e colocara numa bonita moldura dourada. Mostrava uma dama de chapéu e estola de peles, sentada de modo rígido, estendendo ao espectador um enorme regalo de pele que lhe cobria o antebraço inteiro. Gregor desviou então a vista

## A METAMORFOSE

para a janela e notou o céu nublado — ouviam-se os pingos de chuva batendo na calha da janela —, o que o fez sentir-se bastante melancólico.

“Não seria melhor dormir um pouco e esquecer todo esse delírio?”, cogitou. Mas era impossível: estava acostumado a dormir do lado direito, só que naquela situação não conseguia se virar. Por mais que se esforçasse a inclinar o corpo para a direita, tornava sempre a se desvirar e permanecer de costas. Tentou pelo menos cem vezes, fechando os olhos para não ver as pernas debatendo-se, e só desistiu quando começou a sentir no flanco uma ligeira dor entorpecida que nunca antes tinha experimentado.

“Oh, meu Deus”, pensou, “que profissão cansativa eu escolhi! Viajar, dia após dia. A agitação comercial é muito maior do que na sede da empresa e, ainda por cima, há o desconforto de andar sempre viajando, preocupado com as conexões dos trens, com a cama e com as refeições irregulares e ruins, com os conhecidos casuais, sempre novos e que nunca se tornam amigos íntimos. Que o diabo carregue tudo isso!”

Sentiu uma leve coceira na barriga; arrastou-se lentamente sobre as costas — mais para cima na cama, de modo a conseguir mexer a cabeça com mais facilidade —, identificou o local da coceira, rodeado por uma série de manchinhas brancas cuja natureza não compreendeu no momento, e fez menção de tocar ali com uma perna, mas imediatamente a retirou, pois, ao seu contato, sentiu um arrepio gelado.

Deixou-se escorregar novamente para a posição inicial.

“Isso de levantar cedo”, pensou, “deixa a pessoa estúpida. O ser humano necessita de sono. Há outros comerciantes que vivem como mulheres de harém. Por exemplo, quando volto para o hotel de manhã, para anotar as minhas encomendas, esses homens ainda estão sentados à mesa para tomar o café. Se



## A METAMORFOSE

eu sequer tentasse fazer assim com o meu patrão, seria logo despedido. Bem, quem sabe não fosse melhor para mim. Se não tivesse que me segurar, por causa dos meus pais, há muito tempo eu teria me demitido; conversaria com o patrão e diria exatamente o que penso dele. Ele cairia da mesa! Também é um hábito esquisito esse de ficar sentado atrás de uma mesa e falar do alto com os empregados, ainda mais porque eles têm de aproximar-se bastante, já que o patrão é ruim de ouvido. Bem, ainda há uma esperança; assim que eu tiver economizado o suficiente para pagar o que os meus pais lhe devem — ainda daqui a uns cinco ou seis anos —, faço-o, com certeza. Então vou me libertar completamente. Mas, por ora, o melhor é me levantar, porque o meu trem parte às cinco.”

Olhou para o despertador, que fazia tique-taque na cômoda.

“Pai do céu!”, pensou.

Eram seis e meia, e os ponteiros moviam-se em silêncio, até já passava da meia hora, era quase quinze para as sete. Será que o despertador não tinha tocado? Da cama, via-se que estava ajustado corretamente para as quatro; claro que devia ter tocado. Sim, mas seria possível dormir tranquilo no meio daquele barulho que fazia sacudir os móveis? Bem, ele não tinha dormido tranquilo; mas talvez por isso devia ter dormido pesado. E o que faria agora? O próximo trem saía às sete; para pegá-lo tinha de correr como um doido, só que as amostras ainda não estavam embrulhadas e ele próprio não se sentia particularmente disposto e ativo. E,

## FRANZ KAFKA

mesmo que apanhasse o trem, não conseguiria evitar uma repreensão do chefe, já que o contínuo da firma devia ter ficado esperando o trem das cinco e já comunicado a sua ausência havia muito tempo. O contínuo era um instrumento do patrão, invertebrado e idiota. Bem, e se dissesse que estava doente? Mas isso seria muito desagradável e pareceria suspeito; afinal, durante cinco anos de emprego, ele nunca se ausentara por doença. O próprio patrão certamente iria a sua casa com o médico do sistema de saúde, repreenderia os pais pela preguiça do filho e desprezaria todas as desculpas, recorrendo ao médico que, evidentemente, considerava toda a humanidade um bando de falsos doentes perfeitamente saudáveis, mas indispostos para o trabalho. E por acaso desta vez ele estaria equivocado? De fato, Gregor sentia-se razoavelmente bem, exceto por uma sonolência supérflua depois de um sono tão longo, e até mesmo esfomeado.

À medida que tudo isso passava pela sua mente em grande velocidade, sem conseguir decidir se sairia ou não da cama — o despertador acabava de indicar quinze para as sete —, ouviram-se batidas cautelosas na porta atrás da cabeceira da cama.

— Gregor — disse uma voz, a de sua mãe —, são quinze para as sete. Você não tem de pegar o trem?

Aquela voz suave! Gregor teve um choque ao ouvir a sua própria voz responder-lhe, inequivocamente a sua voz, mas com um horrível e persistente guincho chilreante de fundo, que conservava a forma distinta das palavras apenas no primeiro momento, para então subir de tom, ecoando em torno delas, até lhes destruir o sentido, de tal modo que não se podia ter a certeza de tê-las ouvido corretamente. Gregor queria dar uma resposta longa, explicando tudo, mas, em tais circunstâncias, limitou-se a dizer:

— Sim, sim, obrigado, mãe, já vou me levantar.



## A METAMORFOSE

A mudança na voz de Gregor não devia ter sido ouvida através da porta de madeira que os separava, pois a mãe contentou-se com a resposta e se afastou arrastando os chinelos. Essa breve troca de palavras tinha feito os outros membros da família notarem que Gregor estava ainda em casa, ao contrário do que se esperava, e então o pai foi e bateu em uma das portas laterais, suavemente, mas com o punho.

— Gregor, Gregor — chamou —, o que você tem? — E, pouco depois, com voz mais firme: — Gregor! Gregor!

Junto da outra porta lateral, a irmã chamou, em tom baixo e quase lamentoso:

— Gregor? Não está se sentindo bem? Precisa de alguma coisa?

Ele respondeu a ambos ao mesmo tempo:

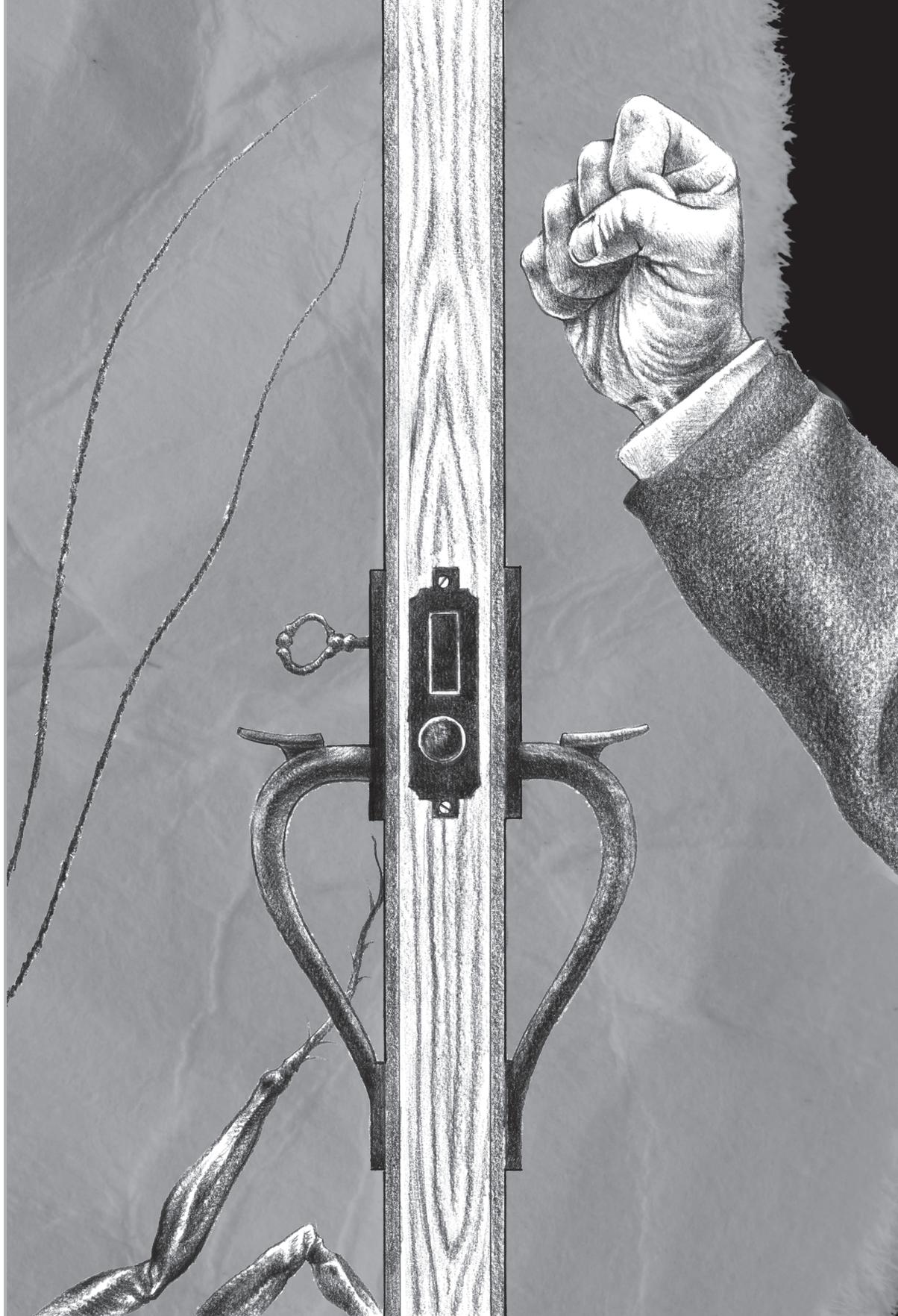
— Já estou pronto.

E esforçou-se o máximo para que a voz soasse tão normal quanto possível, pronunciando as palavras muito claramente e fazendo grandes pausas entre elas. Assim, o pai voltou ao desjejum, mas a irmã disse baixinho:

— Gregor, abra essa porta, anda.

Ele não pretendia abri-la e sentia-se grato pelo hábito prudente que adquirira nas viagens de fechar todas as portas à chave durante a noite, mesmo em casa.

Queria primeiro se levantar tranquilamente, sem ser incomodado, vestir-se e, sobretudo, tomar o café da manhã, e só depois pensar sobre o que mais havia a fazer, dado que na cama, ele bem sabia, as meditações não o levariam a nenhuma conclusão sensata. Lembrava-se de muitas vezes ter sentido pequenas dores enquanto estava deitado, provavelmente causadas por posições incômodas, mas que tinham se revelado puramente imaginárias assim que se levantava. Ele ansiava fortemente por ver as ilusões daquela manhã se desfazerem pouco a pouco.



## A METAMORFOSE

Quase não lhe restavam dúvidas de que a alteração da voz indicava o prenúncio de um forte resfriado, doença permanente dos caixeiros-viajantes.

Libertar-se da colcha foi tarefa muito fácil: bastou-lhe inchar um pouco o corpo para que ela caísse por si. No entanto, o movimento seguinte foi complicado, especialmente devido à sua largura incomum. Precisaria de braços e mãos para se erguer; em lugar disso, tinha apenas as inúmeras perninhas, que não cessavam de se agitar em todas as direções e as quais ele não conseguia controlar de modo algum. Quando tentava dobrar uma delas, esta era a primeira a se esticar, e, ao conseguir finalmente que uma fizesse o que ele queria, todas as outras se sacudiam livremente, numa dolorosa e intensa agitação.

“Mas de que adianta ficar na cama assim sem fazer nada?”, perguntou Gregor a si próprio.

Pensou que talvez conseguisse sair da cama deslocando em primeiro lugar a parte inferior do corpo, mas esta, que ele não tinha visto ainda e da qual não podia ter uma ideia nítida, revelou-se difícil de mover, de tão lentamente que se deslocava; quando, por fim, quase enfurecido de contrariedade, reuniu todas as forças e deu um impulso imprudente, calculou mal a direção e bateu pesado na extremidade inferior da cama. A dor lancinante lhe ensinou que aquela talvez fosse a parte mais sensível do seu corpo agora.

Assim, tentou levantar primeiro a parte superior, deslizando cuidadosamente a cabeça para a borda da cama. Pareceu mais fácil e, apesar da sua largura e volume, o corpo acabou por acompanhar lentamente o movimento da cabeça. Ao conseguir, por fim, movê-la até à borda da cama, sentiu-se assustado demais para prosseguir o avanço, dado que, no fim das contas, caso se deixasse cair naquela posição, só um milagre o salvaria de machucar a cabeça. E, custasse o que custasse, não podia

## FRANZ KAFKA

perder os sentidos àquela altura, precisamente àquela altura; era preferível ficar na cama.

Quando, após repetir os mesmos esforços, voltou a ficar deitado na mesma posição de antes, suspirando, e viu as pernas se chocando umas com as outras, talvez ainda mais violentamente do que nunca, sem encontrar maneira de pôr ordem naquela confusão, repetiu a si próprio que era impossível ficar na cama e que o mais sensato seria arriscar tudo pela menor esperança de se libertar dela. Ao mesmo tempo, não se esquecia de ir recordando a si mesmo que a reflexão fria, o mais fria possível, era muito melhor do que qualquer resolução desesperada. A essa altura, tentava focar a vista o máximo possível na janela; mas, infelizmente, a perspectiva da neblina matinal, que inclusive ocultava o outro lado da rua estreita, pouco alívio e coragem lhe trazia.

— Já são sete horas — disse, quando o despertador voltou a bater —, sete horas, e ainda um nevoeiro tão denso.

Por momentos, deixou-se ficar quieto, a respiração fraca, como se esperasse que um repouso completo devolvesse todas as coisas à sua situação real e comum.

A seguir, disse a si mesmo:

— Antes de bater sete e quinze, tenho que estar fora desta cama. De qualquer maneira, a essa hora já terá vindo alguém do escritório perguntar por mim, pois lá abrem antes das sete.

E pôs-se a balançar o corpo todo ao mesmo tempo, num ritmo regular, tentando rebocá-lo para fora da cama. Caso se desequilibrasse naquela posição, podia proteger a cabeça de qualquer pancada se a erguesse ao cair. O dorso parecia duro e não sofreria qualquer dano com uma queda no tapete. Sua preocupação era o barulho que provocaria e que causaria senão terror, ao menos ansiedade do lado de fora e em todas as portas. Mesmo assim, devia correr o risco.

